

CONSIDERAÇÕES CONCERNENTES À FORMAÇÃO DOS ESTADOS HAUÇAS

Abdullahy Smith, da Ahmadu
Bello University, Nigéria.

Ninguém pode contestar a idéia segundo a qual o mais importante problema político que o Continente africano enfrenta, atualmente, é o que se refere à formação de Estados. Tantos “novos Estados” foram teoricamente criados, de um dia para outro, durante as duas últimas décadas, pela aprovação inesperada de leis constitucionais ou assinatura de acordos, que o processo da formação de Estados, à primeira vista, pareceria ser de uma simplicidade quase mágica. Todavia, sabemos também que a prática e a teoria nessa questão se acham bem afastadas uma da outra e que empunhar o bastão da “independência” não será suficiente para construir-se um Estado, se as condições humanas com as quais se tenta criá-lo não forem apropriadas. E pela nossa amarga experiência sabemos que as condições humanas não mudam de um momento para outro, nem se desenvolvem, subitamente, novas alianças, sem processos longos e complicados de ajustamentos sociais.

Em vista dessas dificuldades que derivam da fundação de novos Estados, seria de esperar que a atenção de nossos cientistas políticos se dirigisse para a experiência histórica dos povos africanos, na questão dos problemas da formação de Estados. Na Nigéria, contudo, ao examinarmos as maneiras pelas quais foram os Estados criados no passado, veremos que os livros se referem quase exclusivamente à teoria mágica e descuram-se de uma prática árdua, dolorosa e lenta. Dá-se muita importância às estórias de heróis estrangeiros que vêm de longe (como fizeram os britânicos mais recentemente) e com sua espada miraculosa, seu mandato divino, ou sua força sobrenatural, impõem-se, com a sua descendência, a um povo previamente desorganizado, criando novas relações entre eles e reunindo-os em novas comunidades sob a forma de Es-

tados (1). Sobre o que eram esses *Sayfs* e *Bayajidas* e *Odu-
duwas* e *Kisras* e *Tsoedes* e *Orammyans*, o que trouxeram con-
sigo, qual o segredo de sua força, e enfim, como conseguiram
criar os Estados que conhecemos na região dos Hauçá, no
Bornu, na região dos Iorubá, dos Nupe, em Benim e outras
partes, pouco se tem pesquisado.

Assim, por exemplo, embora se deva admitir que o fenô-
meno da formação de Estados sem dúvida ocorreu muitas
vezes na região dos Hauça, durante o último milênio, muito
pouca contribuição tem este fato dado aos processos atuais
relativos ao assunto. O fim deste artigo é, portanto, forçar a
reconsideração preliminar de uma evidência importante, rela-
cionando-a com a prática atual da formação de Estados na
região dos Hauçá e chamar a atenção para alguns importantes
problemas nela envolvidos.

OS POVOS DE LÍNGUA HAUÇÁ E OS ESTADOS HAUÇÁS

Um primeiro passo, necessário, mas nem sempre dado
por nossas autoridades, para a compreensão dos processos de
formação dos Estados que surgiram na região dos Hauçá,
seria o de conseguir-se uma idéia nítida dos povos aos quais
nos referimos. Tem havido, muito freqüentemente, certa con-
fusão entre o processo de formação do povo chamado Hauçá
e a formação dos Estados Hauçás. Assim, por exemplo, di-
funde-se amplamente a idéia de que o "povo Hauçá" consti-
tuíu-se por volta dos fins do primeiro milênio a. D. ou mesmo
mais tarde, por uma mistura de povos negros aborígenes (ha-
bitando a área entre, aproximadamente, 10 e 13 graus de
latitude Norte e 7 e 10 graus de longitude Leste com imigran-
tes berberes (os célebres Hamitas) das regiões mais ao norte,
e que um produto secundário dessa fusão foram os Estados
Hauçás. A confirmação mais recente dessa idéia encontra-se
em H.A.S. Johnston (1967), que declara:

"Não há dúvida de que em certa época um núme-
ro considerável de berberes atravessou o Saara,
estabeleceu-se entre esses povos (os negros), e
misturou-se com os mesmos... Apesar de ser
essa uma evidência indireta, parece haver uma

(1) Têm surgido atualmente muitos estudos sobre a formação de
Estados na África. Ao debaterem, porém, as bases do dever po-
lítico nos "novos Estados", os cientistas políticos raramente pa-
recem aproximar-se da experiência histórica dos povos africa-
nos em suas tentativas de explicação. É quase como se outrora
nunca houvessem sido fundados Estados na África.

forte probabilidade de que o período decisivo da alquimia que deveria entim gerar o povo e a língua Hauçás, ocorreu entre 1050 e 1100. As lendas através das quais o povo Hauçá lembra, com satisfação, as suas origens bem poderiam ser muito simplificado, baseado em tal série de ocorrências... Parece provável que essas lendas hajam cristalizado a memória popular dessa união entre imigrantes berberes e os nativos da região dos Hauçá... Um dos primeiros frutos dessa união foi provavelmente a língua Hauçá — que certamente data dessa época... Enquanto a língua evoluía, as cidades — estados Hauças começaram a surgir como forças separadas. Juntas, cobriram uma área que possuía cerca de duzentas milhas quadradas, e embora a região dos Hauçá tenha posteriormente alargado as suas fronteiras, essa primitiva região ainda constitui a sua parte mais importante" (2).

A noção de que o povo Hauçá foi constituído quase no final do primeiro milênio a. D., por uma mistura de negros subsaarianos, desconhecidos e imigrantes berberes e a de que tal fusão tenha simultaneamente dado origem aos Estados Hauçás, acha-se subentendida em outras obras recentes (3). Mas um exame mesmo superficial da mesma deverá revelar uma notável confusão de idéias entre os movimentos que provocaram a emergência de um grupo étnico distinto, e algo obviamente bem diferente, a ocorrência de instituições políticas circunstanciais naquele grupo (4).

Realmente, não há nenhuma prova que apresente o povo Hauçá como um grupo étnico distinto surgido em consequência da assimilação berbere-negro, ou mesmo que tal assimila-

- (2) H.A.S. Johnston, *The Fulani Empire of Sokoto* (Londres, 1967) pp. 4-6.
- (3) M.G. Smith, "The Beginnings of Hausa Society" in *The Historian in Tropical Africa*, ed. Vansina, Mauny & Thomas, Londres, 1964, pp. 338-345, diz que a imigração resultou na emergência gradual do povo Hauçá (que era "desconhecido" antes de 1350 A.D.) e que os Estados surgiram, gradativamente, no mesmo período. Hogben & Kirk-Greene, *The Emirates of Northern Nigeria* (Londres, 1966), pp. 145-50, faz a mesma confusão, derivada neste caso de informações errôneas colhidas na placa de bronze exposta na fonte de Kusugu, em Daura, e na tradição anotada por Rattray, *Hausa Folklore*, Oxford (1913), pp. 1-2.
- (4) O tratamento desta questão por Palmer (*Sudanese Memoirs III Lagos* (1928), pp. 132-8) é bastante vago para deixar o leitor em dúvida completa sobre se ele está falando acerca da formação de "tribos", na formação de Estados ou em ambos.

ção houvesse ocorrido no final do primeiro milênio a. D. Em primeiro lugar, talvez deveríamos indagar o que significa a expressão "povo Hauçá". No sentido exato da palavra, acredito que a expressão geralmente usada significa "o povo que fala a língua hauçá". O termo *Kasar Hausa* ou "país Hauçá" não se referindo a um lugar determinado mas apenas significando "a região onde domina a língua Hauçá" (5). Se tivermos de procurar as origens dos Hausawa como um grupo distinto, deveremos recorrer às origens da língua Hauçá, pois seja o que for que possa ajudar a designar um povo como Hausawa não poderemos assim considera-lo a menos que fale aquela língua. No entanto que sabemos das origens da língua Hauçá? Como em todas as línguas, também nela a palavra sofre e continua a sofrer um processo de desenvolvimento. Não há contudo nenhuma prova que demonstre tenham o seu vocabulário e seu uso corrente se constituído há cerca de mil anos passados. Se assim fosse, sem dúvida alguma ainda haveria vestígios da língua pré-Hauçá no *Kasar Hausa*, ou pelo menos, algum indício de que a língua Hauçá deriva de alguma língua anterior e distinta, naquelas áreas que Johnston denominou de "coração" do País Hauçá (6). Ao mesmo tempo, se o Hauçá tivesse surgido como resultado do impacto recente da fala berbere sobre algumas línguas esquecidas, não identificadas ou pre-existentes, faladas por negros, certamente encontraríamos importantes afinidades entre o Hauçá e as línguas vizinhas berberes tal como o Temasheg. Contudo, nenhuma dessas condições parece ocorrer. Primeiramente, o Hauçá é tido agora como pertencendo ao grupo das línguas chádicas, provindo da mesma protolíngua que originou o Ngizim, o Maber, o Auyokawa, o Shirawa, o Bedde, o Bolewa, o Kerekere, o Tangale, o Angas, o Ankwe, o Montol, o Buduma, o Affade, o Bachama, o Tera e o Margi (para só citar as mais conhecidas) (7). Essas línguas são, porém, tão diversas do Hauçá atual que parecem indicar terem se separado dela há milhares de anos. Foi desse grupo que o Hauçá se desligou, não do grupo das línguas berberes: pois a conexão entre o Hauçá e o Berbere é ainda mais remota. Certamente, poderemos aceitar a idéia que todas essas línguas sejam membros da família afro-asiática, mas nenhuma origem comum entre

(5) R.P. Bargery, *A Hausa-English Dictionary and English-Hausa Vocabulary*, Oxford University Press, 1937, p. 459.

(6) Como foi citado acima. Uma possibilidade naturalmente existe que os povos de língua Hauçá hajam expulso os antigos habitantes ao se estabelecerem ali. Mas tal probabilidade, mesmo que seja real, não traz qualquer auxílio à teoria da fusão Berbere-Negra.

(7) J.H. Greenberg, *Languages of Africa* (The Hague, 1966), p. 46.

os grupos chádico e berbere deve ser realmente muito antiga — muitos milhares de anos — muitos antes do ressecamento do Saara. Não podemos nem mesmo supor que as recentes invasões berberes do Sudão tivessem tido como efeito introduzir palavras berberes nas línguas dos negros, de forma que “a língua dos negros acrescida de palavras berberes resultasse no Hauçá”, porque não há provas de que o Hauçá possua empréstimos vultosos de tal tipo (8).

Um dos motivos para julgar-se o Hauçá uma formação recente talvez seja o fato dessa língua ser desconhecida dos geógrafos e exploradores árabes clássicos. Não quer isto dizer, porém, que não existisse tal língua naquela época; mas há razões de sobra para que se acredite que as grandes vias comerciais, ligando a África Ocidental ao mundo de língua árabe evitavam o País Hauçá até que se abriu uma porta para aquela região com o estabelecimento do domínio político Tuareg em Agadés durante o século XV (9).

Estamos mais inclinados a acreditar que o Hauçá foi falado sobre uma área considerável nos tempos antigos e que a língua (e com ela a cultura Hauçá) se tenha efetivamente desenvolvido a partir do ressecamento do Saara central ou provavelmente até antes. Um dos fatos que prejudicam muito o que já se escreveu em língua inglesa sobre a origem do Hauçá é a idéia implícita ou explícita de que o País Hauçá é a região ao sul de 13.^o de latitude Norte (10). Acontece que a fronteira setentrional da língua Hauçá se acha muito mais ao norte. Há, naturalmente, muitas provas indicando que os povos negros dos tempos antigos viviam dispersos na área saariana bem ao norte de onde vivem agora. Certamente, os geógrafos árabes compreenderam que os grandes oásis saarianos, tais como Zaweila, demarcavam a orla setentrional da terra dos negros, e Mauny é de opinião que os atuais *Harratin* desses lugares são, pelo menos em parte, restos dessa antiga população negra. Além disso, ele crê que o progressivo ressecamento do Saara central, a partir do quarto milênio A.C., foi causa de migrações, por parte dessa população, na direção

(8) Cf. Lista de palavras Tamasheg de Barth (Travels... Londres, 1857, reimp. 1965, IV pp. 724-63).

(9) Os topógrafos árabes falam geralmente de Kanem-Bornu e depois Kawhaw (Gao) embora fossem estes dois pontos adjacentes e o território que hoje conhecemos como País Hauçá não existisse. Al-Maqrizi (Século XV) é uma exceção: até mesmo ele não tinha conhecimento direto do País Hauçá porque apenas conhecia a palavra Kanuri para “Hauçá” (Afnu). Muhammad al-Wazzan (Leo Africanus, século XVI) descreve os Estados individuais do Hauçá Bakwai mas sem usar a palavra Hauçá. Todavia sua escrita é notadamente falha.

(10) M.G. Smith, *ibid.*, p. 339.

do Sul, para a região das savanas do Sudão, onde reforçaram a antiga população negra do que chamamos País Hauçá (11). Naturalmente não sabemos se essas velhas populações negras do Saara falavam o Hauçá ou línguas chádicas associadas, mas seus descendentes, indubitavelmente, o falavam, até bem ao norte, na latitude dos 17.^o. O único escritor que deu maior atenção a essas populações setentrionais Hauças foi Y. Urvoy, cuja obra, associada às tradições (12), parece sem dúvida indicar que as antigas populações básicas de Azben, Damargu, Damagaram, Arewa, Adar, Sosebaki, eram "Hauças", não por terem sido formadas pelo impacto da invasão Tuareg (berbere), mas porque preservaram a cultura antiga contra os invasores, principalmente quando se afastaram dos mesmos, indo para o sul. Parte desses grupos ainda conserva a tradição da migração para o sul: tal como os Azna de língua Hauçá, do Adar, os Tazawa de Katsina setentrional, os Kanawa de Sosebaki e, naturalmente, os Gobirawa (13). Os últimos são tidos, até mesmo por escritores de língua inglesa, como os habitantes originais de Azben, donde se apartaram já em época histórica, forçados pelo invasor Tuareg, como um grupo antigo que tentasse proteger-se do domínio berbere e não certamente como um grupo étnico *criado* pelo impacto berbere.

O que é necessário salientar-se, é pois que o povo de língua Hauçá como um grupo étnico distinto do Tuareg berbere, por um lado, e dos povos de língua Niger — Congo, da Nigeria central, por outro, deve ter existido muito antes da fundação de Estados tais como, pelo menos, o célebre Hauçá Bakwai. A confirmação disso é de fato encontrada nas lendas dos próprios Daura. Seja como for essa lenda interpretada (e seu significado exato longe está de ser claro), mal se pode aceitar se refira ela à criação de um novo *povo*. Se alguma coisa significa, deve referir-se às mudanças políticas ocorridas (talvez no século XI a.C.), entre um povo que já possuía uma antiga identidade histórica, demonstrada pela suposta existência de uma dinastia pre-Bayajida de mulheres, governando em Tsohon Birni. Bayajida e Bowo, os fundadores lendários do Hauçá Bakwai, figuram apenas como o décimo sétimo e o décimo oitavo chefes desse grupo.

Uma vez separada a questão da formação do povo de língua Hauçá do da formação do Hauçá Bakwai (14) podemos

(11) R. Mauny, *Tableau géographique de l'ouest africain au Moyen âge*, (Dakar, 1961), p. 446.

(12) Y. Urvoy, *Histoire des populations du Soudan central* (Paris, 1936).

(13) *Ibid.*, pp. 238-9, 243-5, 251-4, 259-67.

(14) Cf. W.K.R. Hallam, *The Bayajida Legend in Hausa Folklore* (JAH VII, 1, 1966, p. 47).

admitir uma origem bem antiga para a primeira, o que parece concordar com as provas da lingüística comparada e com a tradição oral. Ao mesmo tempo, não é improvável, naturalmente, que os povos de língua Hauçá tivessem tido contato com os de língua berbere nos tempos antigos. Não há, porém, absolutamente, prova alguma que faça supor ter esse contato *criado* o povo Hauçá, como posteriormente o iremos conhecer, ou mais ou menos periférico.

A EVIDÊNCIA DAS INVASÕES BERBERES

Se admitirmos a origem antiga do povo de língua Hauçá, naturalmente, aceitaremos que a pressão berbere, muito mais recente, sobre os mesmos possa talvez ter provocado o surgimento de instituições políticas semelhantes. É no que certamente acredita um grupo integrado por Palmer-Hallam-Johnston e tal idéia constitui um exemplo típico da aplicação da "hipótese hamítica", concernente à formação de Estados entre os povos da África Ocidental (15).

Em sua forma mais simples, tal hipótese, aplicada ao País Hauçá, baseia-se na suposição de que, em certa época, a sociedade proto-Hauçá consistia de um grande número de grupos de linhagens mutuamente independentes, sendo o chefe dos mesmos considerado a autoridade política mais alta sobre o povo, e nos quais a autoridade política provinha de relações de parentesco. Então, como resultado da chegada dos poderosos berberes, essa sociedade política fragmentada proto-Hauçá foi reorganizada com um número menor de grandes grupos ou Estados, cada qual com um *sarki* ou rei, tendo autoridade sobre várias estirpes e com a força baseada mais no controle territorial do que nos laços de parentesco.

A fim de demonstrar que os Estados Hauçás efetivamente assim se formaram, os especialistas se esforçaram por demonstrar que *houve* realmente uma invasão berbere no País Hauçá na época adequada; pois sem tal invasão não se poderia sustentar a sua hipótese.

(15) Exposições dessa teoria da formação de Estado podem ser encontradas em Palmer, **Bornu Sahara and Sudan** (Londres, 1936), passim; C.G. Seligman, **Races of Africa** (Londres, 1957), ch. 6; e J.D. Fage, **Ghana: An Histo-Interpretation** (Madison, 1959), pp. 10-29. Urvoy, de maneira bastante singular, parece aplicar tal teoria à formação de Estados na Bacia do Chade, mas não no País Hauçá (cf. sua **Histoire de l'empire du Bornou**, Paris, 1949). Recentemente foi contestada a hipótese, particularmente pela escola de historiadores de Ibadan (vide I. J.G. Armstrong, **The Development of Kingdoms in Negro Africa**, JHSN, II, I, 1960, pp. 27-39).

Mas aí também enfrentamos sérias dificuldades que não logram dar o relevo pretendido às hipóteses hamíticas. Em primeiro lugar, há a questão acerca de quando se efetuou tal invasão. Ela, provavelmente, deve ter sido anterior à criação dos Estados. Contudo, mesmo se concentrarmos nossa atenção no Hauçá Bakwai (Daura e Biram ta Gabas, Kano e Katsina, Ramo, Zazzau e Gobir) e retrocedermos através das relações dos reis conhecidos desses Estados até chegar aos fundadores (Bawo e seus filhos), concluiremos que provavelmente surgiram eles não ao mesmo tempo, mas ao longo de um período talvez de 250 anos (16). Foi provavelmente tal dificuldade que levou os especialistas a pressuporem não uma invasão berbere, mas várias.

Supõem que as primeiras delas devam ter ocorrido no século VII ou VIII a.D., com invasores berberes da África do Norte (17), conduzidos para o sul através do deserto, pelos árabes, quando estes ocuparam as terras norte-africanas. A segunda deve ter sucedido no século X a.D.: — uma invasão dos berberes kharijitas impelidos para o sul pelos conquistadores fatímidas ao se apossarem da atual Tunísia (18). E a terceira, um deslocamento em direção ao sul de Tuareg berberes, ocasionado pela migração para oeste dos Bani Hilal e dos Bani Sulaym, vindos do Egito, no século XI.

Relativamente ao primeiro desses episódios, dever-se-ia dizer, imediatamente, que os ataques ao *Maghreb* pelos árabes, nos séculos VII e VIII a.D., provavelmente não causaram qualquer deslocamento importante de berberes, porque tais ataques foram repelidos; e até mesmo no século IX, quando os árabes puderam finalmente estabelecer, em certo grau, seu domínio político sobre o litoral norte-africano, não há prova alguma que demonstre ter havido um deslocamento de berberes mais para o sul de onde estão agora os oásis arábelos. O mesmo pode dizer-se dos efeitos das guerras fatímidas. Só

-
- (16) As listas de reis do Hausa Bakwai podem ser encontradas em publicações diversas. E. G. Palmer, *Sudanese Memoirs*, (Daura, Kano, Katsina); Landeroin, *Documents scientifiques de la Mission Tilho*, II (Paris, 1911) (Katsina, Gobir); Urvoy, *ibid.*, (Gobir); E.J. Arnett, *JAS*, IX, 34, 1910; e *Gazetteer of Zaria Province* (Londres, 1920) (Zazzau) etc. Vide também Hogben & Kirk-Greene, *op. cit.* A relação dos reis de Biram ta Gabas e Rano não parece ter sido publicada. Há um farto material Hauçá que não foi ainda publicado, nos Arquivos Nacionais Nigéria-nos, em Kaduna.
- (17) Os "Libyco-Berbers" de Urvoy, que, no entanto, não os considera como tendo fundado Estados entre os povos de língua Hauçá. Ele lhes atribui contudo papel na formação dos Hausawa como grupo étnico.
- (18) Dá-se muita importância a isto em Hallam, *ibid.*

por meio de um grande esforço de imaginação se pode supor tenham tido conseqüências políticas importantes, na linha ao sul do Hoggar-Tibesti, e não há fundamento algum para que se acredite houvessem precipitado uma migração berbere sobre milhares de milhas de deserto, com força bastante para alterar todo o caráter político da região Hauçá. O terceiro episódio é mais promissor. A migração na direção do oeste, dos Bani Hilal e dos Bani Sulaym, *efetivamente*, parece haver forçado o deslocamento dos berberes do deserto. Que os tenha contido forçado a entrar no território dos povos de língua Hauçá, em grande número, é uma idéia da qual não temos absolutamente prova. O que é provável, se quisermos tirar uma conclusão razoável, é que essas tribos árabes puseram em movimento, na direção sul-ocidental, os berberes do Saara central, provindos da região de Ghat, entre Hoggar e Azben, até alcançar o Wadi Azawag, o Adrar e através da curva do Niger, causando eventualmente, a grande concentração nessa última região dos Tuareg Ulimedén. Por falta de provas em contrário, presume-se, com razão, não ter tal movimento atingido a região Hauçá passando a noroeste da mesma, pois, em direção do norte, o País Hauçá continuou demarcado pelo grande "erg" do Teneré e na sua extensão para leste, pelo Tibesti. A única passagem, através da qual poder-se-ia supor tivessem os invasores penetrado nessa área, seria Azben. Todavia, embora seja provável que tenha se desenvolvido uma concentração de Tuareg nas montanhas ao norte do Agadés atual, durante o período do décimo segundo ao décimo quarto séculos a.D., não há nenhuma prova de que tenha ela afetado o território ao sul de Agadés, até a fundação do "Estado" Tuareg centralizado naquela cidade, no século XV (i.e., muito depois da fundação do Hauçá Bakwai (19).

Em resumo, mal se pode evitar a conclusão de que, na ausência total de qualquer prova de uma migração substancial berbere para o País Hauçá, antes ou durante o período 1000-1250 (quando o Hauçá Bakwai foi provavelmente fundado), é inteiramente inseguro basear-se qualquer teoria da formação de Estados nessa área, na influência berbere.

A LENDA DO HAUÇÁ BAKWAI

Naturalmente, tem-se alegado que a lenda de Bavaiida e da fundação do Hauçá Bakwai é, em si mesma, "a lembrança

(19) F. Nicolas, *Tamesna* (Paris, 1959), p. 47, citando F. Foureau, *Documents scientifiques de la Mission saharienne*, II (Paris, 1905), p. 848.

popular da união entre os imigrantes berberes e o povo nativo do País Hauçá” (20). Contudo, não é difícil demonstrar que, em primeiro lugar, essa história é de uma autenticidade muito dúbia; em segundo lugar, que nada tem a ver com as migrações berberes; em terceiro lugar, que, se esclarece algo acerca da formação dos Estados Hauçás, pode referir-se apenas à fundação de *alguns*, e não a todos eles; em quarto lugar, que mesmo fornecendo uma descrição da fundação de alguns Estados Hauçás, não dá uma *explicação* real do processo de formação desses Estados.

Pondo em ordem esses pontos, deveríamos primeiramente talvez procurar a origem da lenda. Ela é uma tradição do Estado Haucá de Daura (21) e refere-se a acontecimentos que ocorreram naquela região, no melhor das hipóteses, há um milênio. Não há atualmente prova que possa sugerir tal tradição datar do tempo dos acontecimentos que pretende descrever (22). M. G. Smith admite que “a lenda de Daura e Bavaiida é evidentemente uma construção posterior”, e que as primeiras referências relativas à mesma, datam apenas do começo do século XIX. Acham-se tais referências em *Infaq al Maysur* (1813) de Muhammad Bello (23) e no *Raudat al-Afkar* de Abd al-Qádir b. al-Mustafa (1824) (24). Este último deduz com segurança que a lenda foi corrente no século XVII, quando Sarkin Gobir Ciroma estabeleceu seu domínio sobre “os filhos de Bawo”, em Gobir ta Gabas. Anterior a este tempo nada possuímos e há forte probabilidade de que essa lenda se tenha originado como uma suposição (como a dos Hamitas), proposta com o fim de explicar o desenvolvimento po-

(20) Vide p. acima.

(21) Anotado, como exemplo, por E. J. Arnett, JAS, IX 1909, pp. 161-7. Versões em Hauçá dessa tradição foram publicadas em Rattray, op. cit., e F. Edgar, *Litafi na Tatsuniyoyi na Hausa* (3 vols., Belfast 1911-1913). A tentativa mais detalhada de análise da estória é a de Hallam, op. cit. A tradição acha-se bem preservada em Daura onde versões mimeografadas em inglês podem ser obtidas das autoridades locais. “Relies” de Bayajida são também conservados em Daura.

(22) Muito poucas “tradições de origem”, transmitidas, oralmente, na Nigéria, mereceram crédito na época dos acontecimentos que pretendem descrever. A mais venerável tradição a tal respeito é a de Sayf b. Dhi al-Yazan, da dinastia Sefawa, de Kanem-Bornu, à qual indubitavelmente se dá crédito desde o século XIII a. D. (ela é mencionada por Ibn Sacid). Mas mesmo aí a estória é uma tentativa para a explicação de acontecimentos que ocorreram muitos séculos antes.

(23) Ed. Whitting (Londres, 1951); ed. Abubakar Gumi (Cairo, 1962).

(24) Há uma tradução sem grande valor em Palmer, JAS., XV, 59, 1916, na qual o livro é erroneamente atribuído a Muhammad Bello. Há MSS em NHRS; Zaria (Ken 18 & Niz 20).

lítico de épocas muito mais remotas, do qual se desconhece a explicação real. Voltaremos a abordar essa questão.

Mas mesmo se supusermos que a estória de Bayajida seja uma tradição antiga, ela não se refere à influência berbere no País Hauçá. Fala de um príncipe de Bagdá que veio para Daura depois de se haver estabelecido, por algum tempo, em Bornu e casado na família dos *Mai*; ou, segundo a versão modificada de Munhammad Bello e Abd al-Qádir b. al-Mustafa, de um escravo dos Mai de Bornu que veio para o País Hauçá. Tal indica, se é que o faz, a influência de Bornu sobre as instituições políticas do País Hauçá, o que talvez seja, até certo ponto, confirmado pelas palavras Kanuri do vocabulário político Hauçá. Certamente, nos últimos tempos (a partir do século XV), há muitas provas da influência política Kanuri nos Estados Hauçás, não só no estabelecimento de residentes políticos Kanuri nas Capitais Hauçás e o pagamento de tributos, como na tradição de que a política estatal foi introduzida no País Hauçá setentrional por imigrantes de Bornu. Foi, talvez, para explicar tal desenvolvimento, que se iniciou num passado distante e esquecido, que a lenda do Hauçá Bakwai, eventualmente, surgiu: a história de um grupo de Estados Hauçás todos pagando tributos a Bornu (inclusive Gobir, a partir do meado do século XVII (25). Mas o ponto principal é que essas influências externas não eram hamíticas. Derivavam antes dos povos negros do Saara, situados a nordeste do País Hauçá (os grupos de língua Teda-Daza), que são bem conhecidos como os fundadores dos Estados da Bacia do Chade (26).

Apesar da influência de Bornu poder ter, seriamente, afetado o desenvolvimento dos Estados no País Hauçá, e embora o povo Kanuri tenha verdadeiramente fundado Estados em algumas partes da região, não há razão para que se acredite que essa influência gerou todos os Estados Hauçás ou a maior parte dos mesmos. Mesmo no seio de Hauçá Bakwai, o Estado de Gobir evidentemente não se originou das mãos das dinastias de Bornu. Nem tampouco a dinastia Wangarawa, de Katsina. Zazzau parece ter surgido, eventualmente,

-
- (25) Há muitas provas de que um certo número de Estados Hauçás continuaram a pagar tributos a Bornu até as vésperas da época da "Jihad" de Sokoto. Isto foi afirmado a exploradores europeus no século XIX (tais como Clapperton), e Abd al-Qabir b. al-Mustafa faz questão de declarar que Sarkin Gobir Bawa Jan Gwarzo (1794) suspendeu tal pagamento.
- (26) Tanto Palmer como Urvoy erram ao acreditar que os dinastas Kanuri eram de origem berbere. Sobre a questão negligenciada dos nômades negróides do Saara central (Tibesti, etc.) vide J. Chapelle, *Nomades noirs du Sahara* (Paris, 1957).

de um grupo de pequenos Estados, somente um dos quais tendo alguma ligação com o Hauçá Bakwai (27). Tradições registradas por Nicolas (28) até mesmo sugerem que os Gazaurawa (descendentes dos Bawo de Daura) eram um grupo de língua Hauçá que migrou do norte para Daura. E naturalmente há muitos Estados fora do Hauçá Bakwai que são Estados de língua Hauçá, no sentido exato da palavra. Não podemos admitir que os Estados de Zamfara, Kebbi, Yawuri, etc. fossem fundados ao mesmo tempo que o Hauçá Bakwai, como a lenda Bayajida far-nos-ia acreditar, porque suas relações de reis claramente demonstram fundações posteriores. Provavelmente foram fundados por emigrantes do próprio País Hauçá e, assim sendo, nada devem à influência hamítica ou de Bornu. Similarmente, em Adar, as tradições da origem do *sarauta* de Sarkin Dare não mostram nenhum sinal de influência não-Hauçá. E finalmente, como nos lembra Abd al-Qádir b. al-Mustafa, "houve", em qualquer dos casos, "reis, nesses países, antes dos filhos de Bawo" (29). Assim, Barbushe de Dala e seus treze chefes mais moços; assim, os dezesseis regentes de Daura, antes de Bayajida; e provavelmente, muitos outros dos quais não mais nos lembramos.

Em vista dessa falta de evidência, a lenda Bayajida-Bawo diminui consideravelmente de significação na história da formação de Estados no País Hauçá. Porém, até mesmo onde talvez forneça uma descrição da fundação de dinastias (talvez como em Daura), não dá nenhuma explicação do êxito do processo. Mesmo que Bayajida fosse o grande herói a quem o povo de Daura houvesse entregue a sua independência, sua história, como já foi dito, não nos indica propriamente as fontes de seu poder ou as condições que fizeram com que seus descendentes retivessem consigo a autoridade política. Nem nos conta a lenda que espécie de Estado foi por ele fundado. Finalmente, não responde à questão básica de como um povo que produziu *instituições segmentadas* de governo pôde substituí-las por *instituições centralizadas*. Pois Daura tivera anteriormente um governo estatal estabelecido.

O PROBLEMA DA FORMAÇÃO DE ESTADOS ENTRE OS POVOS DE LÍNGUA HAUÇÁ

Por isso conclui-se que nem a hipótese hamítica nem a lenda de Bayajida-Bawo de nada adiantam para a expli-

(27) E. J. Arnett (1920), p. 9.

(28) Nicolas, op. cit., p. 46.

(29) *Wa qad Kánat li-hadhihi al-bilád muluk qabla awlád Bawo.*

cação do aparecimento de instituições políticas estatais entre os povos de língua Hauçá. Portanto, que *estamos* autorizados a dizer a fim de explicar tal assunto? Sugerimos, talvez sumariamente, uma distinção bem nítida entre instituições políticas “não-estatais”, onde a autoridade política se achava fundamentada nas relações de parentesco e por isso confinada a grupos de família; e instituições políticas “estatais” nas quais a autoridade política não se baseava em relações de parentesco e transcendia dos grupos familiares. É possível que ainda exista, em alguma parte, entre os povos Hauçás, alguns que (sejam quais tenham sido as instituições estatais a eles impostas nos tempos atuais) ainda crêem que o chefe de família seja a única autoridade política legítima. Urvoy (1936) afirma que “os animistas que têm conservado, entre os Hauçás franceses, suas crenças de modo mais puro, são os do Ader” e talvez alguns desses escapassem à autoridade de Sarkin Dare. Famílias Hauçás tradicionalmente sem pátria talvez também possam ainda existir entre os Maguzawa, de Kano ocidental, e os Gwandara, da fronteira meridional de Zaria (30). Mas a etnografia registrada e disponível desses grupos não permite ainda afirmativas detalhadas acerca de suas instituições políticas. Podemos, apenas, supor que houve uma época remota em que os grupos de família independentes (*gidaje*), cada qual sob a chefia do seu *maigida* e não reconhecendo autoridade superior, eram comuns entre os povos de língua Hauçá. Mas não temos conhecimento direto dessa época e os grupos de família parecem mais tipicamente ter vivido juntos, em aldeias nucleares (*kauyuka, unguwoyi*), onde os laços de parentesco ainda são o vínculo básico da sociedade, mas onde o *maiunguwa* poderia apenas ter parentesco muito afastado com alguns membros da comunidade, que poderia também contar com famílias de colonizadores de origem estrangeira. Contudo não temos aí, no sentido exato da palavra, uma organização estatal. Surge, porém, a ocasião na qual um *unguwa* se desenvolve como uma espécie de núcleo de colonização para muitas linhagens não aparentadas de imigrantes (por ser um centro de atração por alguma razão, e torna-se um *gari*, ou cidade, que requer um chefe *sarki* mantido com o apoio do *masu unguwa*, e um tipo de governo cuja autoridade ultrapasse, de modo geral, a dos grupos de família individuais na comunidade. Esses governos urbanos são governos estatais embrionários, e realiza-se o seu desenvolvimento total quando a autoridade do *mai gari* se estende sobre a região circunvi-

(30) Para Gwandara vide O. & C. L. Temple, *Notes on the Tribes of the Northern Provinces of Nigeria* (1922; reimp., Londres, 1965), pp. 118-20.

zinha (*kasa*), para abranger muitos *kauyuka* e até mesmo *garuruwa*. O *gari* desenvolvido torna-se o *birni*: a Capital, com fortes populações industriais e comerciais, sua terra cultivável dependente e o desenvolvimento de suas fortificações. O estabelecimento do *birni* com suas cidades e vilas dependentes marca o ponto final de desenvolvimento do Estado Hauçá. Após o que a expansão se torna apenas um meio de obter-se o controle de território adicional e de seus habitantes (*Yan Kasa*).

O DESENVOLVIMENTO DO BIRNI

Nesse processo, que vem de ser teoricamente descrito, um fator básico é claramente a fundação e o desenvolvimento de colonizações tipo *birni* (31). A necessidade evidente da manutenção de uma estrutura política altamente subdividida e na qual a autoridade se baseia em relações de parentesco é a equivalência entre os grupos de linhagem que impedem que um domine sobre os outros. Mas esse equilíbrio essencial entre os segmentos pode-se transtornar a qualquer momento por condições que favoreçam o crescimento de grandes conjuntos nucleares; e é por isso, em tais condições, que deveríamos, para começar, procurar os fatores básicos que levam à formação do Estado nesse tipo de sociedade (32). Infelizmente, tem-se pesquisado muito pouco sobre as origens e o desenvolvimento anterior dos *birni* do País Hauçá. Ainda não foi utilizada a arqueologia nesse setor, porém pouca dúvida existe de que a investigação arqueológica sistemática dos sítios dos *birni*, poderia lançar, caso se obtivessem dados, a explicação necessária sobre a antiguidade das organizações estatais do País Hauçá. Até mesmo no estado atual de conhecimento, uma coisa é clara, a saber: que o processo de desenvolvimento de um *birni* como centro de governo, sobrepujando lealdades mantidas anteriormente e mantendo o controle sobre uma área territorial substancial, deve ter sido, essencialmente, bem prolongado, com muitas vantagens e fracassos iniciais antes que se pudesse impor completamente a nova soberania, se realmente fosse conseguida. Muitas vezes,

(31) A importância dos *Birni* foi mencionada, brevemente, por J. S. Trimingham, *A History of Islam in West Africa* (Londres, 1965), p. 127.

(32) Debate-se a questão genérica de uma "sociedade sem Estados" e os modos pelos quais pode ser ela transformada em uma sociedade de Estados, embora sem referências ao País Hauçá, em um capítulo de R. Horton, em sua *History of West Africa*, editada por Ajaji & Crowder, publicação de Messers. Longmans.

sem dúvida, os novos centros de poder somente existiram por força de acordos com antigas alianças segmentárias que continuaram a fornecer uma base de respeito político a grupos dentro da *kasa*. Há provas documentando que o estabelecimento do estado de *Kano* só foi assegurado depois de vários séculos de conflitos intermitentes entre os “filhos de Bagauda” e outras forças nas vizinhanças do Monte Dala (33). É o poder do *sarki* talvez nunca tenha sido absoluto em parte alguma, mas parece ter-se sempre apoiado, com certa dificuldade, no equilíbrio entre as novas forças centralizadoras e as muito mais enraizadas tendências desintegrantes (34). As lendas do tipo “invasor estrangeiro” não desvendam a natureza desse processo, nem a natureza essencialmente contratual da autoridade do *sarki*, que continuou a existir (35).

Desse longo processo talvez possamos examinar alguns dos fatores em ação. As considerações econômicas devem, indubitavelmente, ser reconhecidas em toda parte. Mais surpreendente é, talvez, a sua importância no caso do Birni Kano. Um centro industrial natural dispendo do minério de ferro do Monte Dala, seu desenvolvimento foi assegurado apesar da sua localização no centro da área agrícola mais fértil de toda a Nigéria, capaz de atrair durante séculos e

-
- (33) Palmer, *Sudanese Memoirs*, III pp. 99-104. Abubakar Dokaji, *Kano ta Dabo Cigari* (Zaria, 1959), pp. 13-23. Cf. M.G. Smith, op. cit., p. 342.
- (34) O frágil equilíbrio de forças sem dúvida constituído e mantido penosamente, no qual se apoiava o governo do Estado, acha-se bem apresentado em M. Adamu, *A Hausa Government in Decline: Yawuri in the nineteenth Century* (M.A. ABU, 1968, inédito).
- (35) A complexidade do mecanismo governamental, particularmente os deveres recíprocos do *sarki* e do *masu sarauta* (funcionários públicos) que caracterizaram o desenvolvido Estado Hauçá não pode ser discutido aqui detalhadamente. Pode-se encontrar, porém, alguma indicação em M.G. Smith, *Government in Zazzau* (Londres, 1960), embora este estudo se relacione principalmente com um Estado Hauçá sob domínio Fulani. M.G. Smith, *A Hausa Kingdom: Maradi under Dan Baskore* (em “West African Kingdoms in the Nineteenth Century”, Londres, 1967) trata de governo do que restou como independente de Katsina no século XIX. Hassan Makama e Shua'ibu Naibi, *A Chronicle of Abuja* (Ibadan, 1952), dá uma descrição simples do governo de Abuja no século XIX, sem dúvida derivado das instituições do Hausa Zazzau. M. Adamu, *ibid.*, trata detalhadamente das instituições antes da “jihad” (a |de|Yawuri), e M. B. Alkali, *A Hausa Community in Crisis: Kebbi in the Nineteenth Century* (M.A. ANU, 1970) faz um relato das instituições políticas em Kebbi. Por outro lado, porém, ainda nos falta a análise detalhada sobre o papel das instituições do governo Hauçá antes da “Jihad” de Sokoto.

manter uma população grande e diversificada em vista de sua prosperidade. A fartura capacitou os que controlaram a comunidade de Kano a manter o domínio sobre uma grande parte do território e impedir o surgimento de centros rivais de poder. Tradicionalmente (e não só em Kano), o próspero *sarki* era o mais rico — pois as riquezas eram a base da força militar. Em lugares adequados (tais como Kano) a prosperidade derivava em parte do controle do comércio externo, e podemos supor que o grau até onde o *birni* poderia manter sua posição de cidade capital dependeria muito de quanto poderia agir como centro de comércio importante. Na antiga história dos *birni* muitas vezes, há menção de construção de muralhas (*garuka*) que caracterizavam tais povoados. Basicamente, eram, sem dúvida, de importância militar, o que discutiremos abaixo. Deve-se, porém, supor que eram também um meio de controlar o comércio e permitir que o *sarki* cobrasse seus impostos à saída dos *birni*. O maior dos reis de Kano, Muhammad Rumfa, não foi apenas um construtor de muralhas mas o fundador do grande mercado da cidade-*Kasuwar Kurmi*.

Não foram, porém, apenas condições econômicas que determinaram o aparecimento dos *birni*. Fatores religiosos poderiam também ter representado um papel importante que até aqui tem sido esquecido nos estudos a respeito. Poucos estudos detalhados da antiga religião Hauçá foram feitos após o trabalho resumido e pouco lembrado de Greenberg, contudo significativo, efetuado na época dos anos 40 em Kano. Um tópico por ele mencionado e que deveria, sem dúvida, ser mais investigado é o da significação religiosa dos montes negros do País Hauçá. Estes, como salientou Greenberg, muitas vezes são os lugares de moradas dos grandes *iskoki* e bem podem ter sido centros de poderosa atração cultural sobre vastas áreas. O papel do espírito do Monte Dala por exemplo, foi indubitavelmente tornar Kano um centro de poder e portanto um ponto de atração para a população. Não é pouco provável que os montes de Kufena e Turunku tenham tido também essa espécie de significado e assim fornecido condições culturais para a concentração urbana. Julgamos poder haver muitos outros exemplos em diferentes partes do País Hauçá.

Acima de tudo, talvez o *Birni* como núcleo de um Estado, tivesse uma significação militar. Uma característica comum a todos os *birni* era a fortaleza. O *birni*, a fim de surgir como Capital de um Estado, teria de ser forte: um lugar de refúgio

(36) J.H. Greenberg. *The Influence of Islam on a Sudanese Religion* (Nova York, 1946).

para os imigrantes em busca de abrigo (37), base protegida para operações destinadas a manter a *kasa* sob controle, e um depósito seguro da riqueza do *sarki*. As fortificações dessas cidades muitas vezes revelavam um alto grau de complexidade, envolvendo conhecimentos avançados de engenharia militar. Eles fornecem um tema excepcional de estudo que até agora apenas obteve a atenção no caso de Kano (38), mas que é fundamental para um completo entendimento do processo de desenvolvimento estatal no País Hauçá. É digno de nota o fato de uma das estórias mais divulgadas do folclore do País Hauçá referir-se às muralhas da cidade: — a lenda da heroína militar Amina, de Zazzau. Muralhas conhecidas como *Ganuwar Amina* existem tão distantes de Zaria como em Yamuri e Katsina (39).

A IMPORTÂNCIA DA MIGRAÇÃO

A característica básica do *birni* era a natureza cosmopolita de sua comunidade. Esses povoados formaram-se não tanto como resultado do crescimento natural de uma comunidade simples mas antes como centros de imigração (40). A migração se destaca em todas as tradições relativas à fundação dos Estados Hauçás.

Há, sem dúvida, um princípio de verdade na crença de que, para fundar-se o novo Estado de Daura (41), pelo estabelecimento do Birni Daura. Bayajida *deve* ter vindo de fora

-
- (37) As colinas negras podem também ter tido tal função. Se alguém se colocar no cimo de Dutsen Kufena e olhar para o sul, acompanhando a cadeia de “inselbergs” — Dutsen Hange, Dutsen Dunbi, Dutsen Parakwai — em direção a Turumku fica imediatamente impressionado com a maneira pela qual tais colinas dominam a grande extensão do planalto de Zazzau. E é tentador imaginá-las talvez como vigias ou baluartes de uma antiga fronteira Hausa-Gwari. Ou marcos e estações de uma estrada antiga que chegava ao País Hauçá provindo do sul de Gwari? Sobre a importância dessas colinas, tive a ocasião de discutir o assunto com D.M. Last. Todos os “inselbergs” em questão parecem ter sido antigos lugares de moradia.
- (38) E até mesmo aí apenas superficial. Vida e.g., H.L.B. Moody, *Ganuwa. The Walls of Mano City (Nigeria Magazine, 92 (1967), pp. 19-38)*.
- (39) Na sua descrição do País Hauçá, Muhammad Bello dá mais ênfase à estória de Amina do que a qualquer outro tema do folclore Hauçá.
- (40) Diferentes partes do grande *birni* muitas vezes conservam a tradição de terem sido estabelecidas por imigrantes provenientes de lugares afastados, como no caso de Kano e Katsina.
- (41) “Novo” porque o Birni Daura substituiu a Capital primitiva de Tsohon Birni como Capital, talvez, de um novo tipo de Estado.

(embora não necessariamente de tão longe quanto Bagdá). Uma explicação científica da fundação desses Estados deve reconhecer os diversos tipos de migração que ocorreram há séculos, não só no País Hauçá vindas do Exterior, como dentro do próprio País Hauçá, e deve investigar-se a razão dessas migrações terem ocorrido e mostrar, precisamente, os efeitos que tiveram.

Uma variedade considerável de processos parece estar aí envolvida. O engano dos adeptos da teoria "hamítica" não é simplesmente o de postularem uma imigração berbere, que não temos razões para acreditar houvesse ocorrido, mas a de que eles apenas reconhecem um tipo de imigração e um único efeito. Naturalmente, nosso conhecimento dos movimentos de populações para e dentro do País Hauçá, através dos séculos é muito limitado. Mas mesmo no estado atual de conhecimentos há um número de coisas que podem ser ditas.

Primeiramente, tomemos os exemplos que conhecemos acerca das invasões do País Hauçá por povos não-Hauçás. Primeiro: a vinda dos Kanuri para as fronteiras orientais do País Hauçá. Não há dúvida de que os Kanuri, que parecem culturalmente ser um ramo dos povos de língua Teda-Daza do Saara central, originariamente colonizaram a bacia do Lago Chade, dominando os povos antigos, de língua afro-asiática daquela área com os quais o povo de língua Hauçá esteve, nos tempos antigos, intimamente associado culturalmente (especialmente quanto à linguagem) (42). Contudo, não se sabe quando vieram a ter os Kanuri contacto substancial com os povos de língua Hauçá propriamente ditos. É possível ter sido nos fins do século XI (43), em cuja época os Kanuri haviam já desenvolvido um Estado poderoso com instituições que poderiam certamente ter imposto a outros povos por meio da força militar superior. Já se salientou que a lenda Bayajida — Bawo, se é que indica algo, sugere a influência de Bornu na fundação do Hauçá Bakwai. Porém, como também já foi evidenciado, as instituições estatais provavelmente existiram no País Hauçá antes do Hauçá Bakwai; e por isso a influência Kanuri, que parece ter-se desenvolvido durante o longo período subsequente, culminando com uma profunda pene-

(42) Vide pp. acima.

(43) Talvez no reino do Mai Dunama Humemi, que é mencionado na relação de reis de Sefawa como o maior dos Mais: *wa lam yahum ahad yamlak mithla drajatihi min bani Hume*. Vide Barth, op. cit. II p. 582; e Palmer, *Mai Idris of Bornu* (Lagos, 1926), p. 85, em versões inglesas. Esse chefe distinguiu-se acima de todos os outros de Sefawa pelo número prodigioso de soldados de cavalaria e infantaria à sua disposição. É provável que ele tenha reinado por volta dos séculos onze e doze.

tração militar no País Hauçá, no século XVI (44), provavelmente deveria ser considerada mais como uma força que contribuisse para o progresso peculiar das instituições estatais do País Hauçá, do que como uma força que tivesse dado origem a tais instituições. Como influência para a criação do Estado, a imigração Kanuri, certamente, só se apresenta muito mais tarde. Assim dizem as tradições que os pequenos Estados Sosebaki, de Dungus, Miriya e Washa foram fundados entre os povos de língua Hauçá pelos partidários de um “príncipe” de Bornu, conhecido por Muhammad Nafarko (no século XV?) (45). Em Arewa (extremo noroeste do País Hauçá) talvez no século XVII, dizem terem vindo estrangeiros de Bornu a fim de fundar o Birnin Kawara (posteriormente substituído por Dogon Dutse e depois por Matankara), como sede do primeiro governo estatal em um povo anteriormente de organização segmentária e de língua Hauçá (Azna) (46). Por último, há o caso melhor documentado da fundação do Estado de Damagaram, no seio de uma população mesclada de Hauçás e Kanuri, por chefes Kanuri que organizaram a resistência ante os ataques dos Tuareg Amakitan, na primeira metade do século XVIII (47).

O ataque dos Tuareg ao País Hauçá setentrional, a partir do século XV, constitui a segunda invasão. Começou com o estabelecimento do Estado Tuareg de Agadés (48). Concorda-se, em geral, que o aumento do poder dos Tuareg em Azben (Air), indicado pela fundação desse sultanato, gerou conflito entre essas tribos berberes e os Gobirawa autóctones, de língua Hauçá, daquela região (49); conflito que resultou, eventualmente, na retirada para o sul dos Gobirawa, em direção do vale do Rio Sokoto. Porém, talvez houvesse outros fatores participantes também do movimento. Uma vez mais, não há certeza quanto ao Estado de Gobir ter existido antes desse conflito com o Kel Air, ou sido causado por ele, ou ter surgido

(44) Tão longe como Kano nos reinados de Sarki Abdullahi dan Rumfa (provavelmente Mai Idris Katagarmabe) e Sarki Muhammadu Kisake (provavelmente Mai Idris Aloma). Tão longe como em Kebbi na época de Mai Ali Idrisami (metade do século XVI). Vide Palmer, *Sudanese Memoirs*, III, pp. 112-3; e *Mai Idris*... p. 38. Para a campanha de Mai Ali Idrisami contra Kebbi, vide Muhammad Bello, op. cit.

(45) Landeroin, op. cit., pp. 425-7.

(46) Ibid., pp. 493-6.

(47) Ibid., pp. 436-8.

(48) Sobre esse Sultanato, vide Palmer, *Sudanese Memoirs*, III, pp. 48-56. Urvoy, *Chroniques d'Agades*, J. Soc. Afric., 4 (1934), pp. 145-77.

(49) Barth, op. cit., I, p. 277.

muito depois; ou de quando ocorreu o movimento para fora de Azben. Não temos nenhum sinal de um *birni* em Azben. Mas certamente houve uma Capital antiga do Gobir em Birnin Lalle, no Gulbin Targa, durante o século XVII (50). O desenvolvimento desse *birni* deve ter sido acelerado pela invasão dos Tuaregs, mas não podemos ter certeza disso. Os deslocamentos subsequentes do *birni* de Gobirawa (para Tsibiri por volta dos séculos XVII e XVIII, e para Alkalawa nos meados do século XVIII), parecem relacionar-se mais com a expansão para o sul e para oeste de Gobirawa do que com a pressão Tuareg, proveniente do norte. Se o Estado Hauçá de Gobir, contudo, surgiu ou não do conflito entre os Gobirawa e os Tuareg, é evidente que aqueles não copiaram as instituições políticas destes (51). O governo do Estado Tuareg de Agadés, que era o único Estado Targi nas proximidades do País Hauçá, antes do século XVIII, apenas assumia a forma de uma tosca aliança de líderes de clãs nômades, para certos fins limitados, relacionados com seus próprios interesses e totalmente irrelevantes frente às necessidades da sociedade rural de Bagobiri. Em outras partes, há provas de influência Tuareg direta sobre as instituições políticas dos povos de língua Hauçá; porém isto em época muito recente. Assim, em Adar, as populações de língua Hauçá desenvolveram uma organização política estatal sob a direção de Sarkin Dare que eventualmente se tornou tributário do Sarkin Kebbi. Então, em 1674, foi Adra invadido pelo Tuareg Kel Air (Azbenawa), sob a liderança do chefe Ag-Abba, filho do Sultão de Agadés, Muhammed al-Mubarik. Sarkin Dare foi morto e terminou a influência do Sarkin Kebbi, estabelecendo-se um governo permanente dos Tuareg na nova Capital de Birnin Adar (52). Estes fundaram um novo Estado no País Hauçá, sob uma dinastia Targi, apoiada por líderes do clã de Kel Air, e governaram uma população dependente, composta de pessoas de língua Hauçá, pagando o tributo de um terço sobre suas colheitas. Uma organização política algo similar parece ter-se

(50) Urvoy, *Histoire des Populations...*, p. 243.

(51) Não há motivo para sugerir-se, como fez Johnston, que o cruzamento entre negros e Tuareg houvesse dado origem a um novo tipo de sociedade sudanesa. Houve porém tal cruzamento. Na época, contudo, tal cruzamento só fez surgir um grupo mestiço sem importância política que se conservou distinto da massa dos Tuareg, por um lado, e da dos Hausawa por outro (os "Iberkorean" de Nicolas). Os atuais mestiços Tuareg Hauçá, os Buzu, embora ordinariamente encontrados nas cidades Hauçá da Nigéria Setentrional, ainda se distinguem nitidamente dos Hausawa e permanecem do ponto-de-vista político sem qualquer organização.

(52) Urvoy, *Histoire des populations...* pp. 251-9.

desenvolvido em Damergu (velho território Hauçá, ao norte de Damagaram) (53). Dizem que, aí, invasões Tuareg bem anteriores despovoaram a região, a qual só foi recolonizada após longo intervalo, por imigrantes de Damagaram, Manga e Muniyo, que se achavam dispostos a viver sob o controle da aristocracia do Tuareg Kel Owi. Os efeitos contudo dessas expansões Tuareg restringiram-se ao extremo norte do País Hauçá. E não parecem, de forma alguma, ter afetado a formação ou o desenvolvimento dos Estados na maior parte do território Hauçá.

Parece, realmente, que as migrações no País Hauçá foram um fator mais importante na fundação dos Estados do que as invasões provenientes do Exterior. A migração de "Bagauda com suas tropas" para o Monte Dala, de acordo com a tradição, acrescentou, justamente, o elemento necessário ao desenvolvimento eventual da comunidade Dala em Birnin Kano. Mas o local do qual Bagauda veio, inicialmente, não se acha declarado nas mais detalhadas histórias de Kano, felizmente preservadas. Nelas apenas diz-se que ele veio com seu povo para Adirani, seguiu daí para Barka, cu para Garazawa, daí para Sheme e depois para Dala. Isto pode indicar que ele veio de um local não mais distante que a região Sosabaki, ao norte da atual Kano. Há, de fato, indícios de uma conexão antiga entre essa área e Kano, por chamar-se o povo de Washa, a si mesmo de Kanawa, e ter mantido a tradição de haver fundado Kano (54). É provável que as más condições de fertilidade das estepes setentrionais, mais de uma vez causaram a migração de povos, a procura de melhores terrenos agrícolas, ao sul. Já analisamos a hipótese dos Gazaurawa, de Daura, terem constituído um grupo deslocando-se para o sul, provindo daquelas mesmas estepes setentrionais. Voltando a Katsina, achamos que um fator importante no surgimento de Estado foi a chegada de imigrantes de Wangara (ou Gangara), considerada comumente como região Yandoto no que hoje constitui a parte oriental da província de Sokoto (55). Mas não se sabe se esses imigrantes eram ou não de língua Hauçá. Migrações no Interior do País Hauçá em busca de melhores meios de subsistência, ou em conseqüência de conflitos

(53) *Ibid.*, pp. 266-71.

(54) Landeroin, *op. cit.*, pp. 425-6. Vide também *The Song of Bagauda* (ed. & trans. M. Hiskett BSOAS., XXVII, 3, 1964, pp. 540-67; XXVIII, 1 (1965), pp. 112-35; XXVIII, 2 (1965), pp. 363-85), um poema Hauçá de autor e época desconhecidos.

(55) F. de F. Daniel, *History of Katsina* (mimeografado, Katsina? sem data) Hogben & Kirk-Greene, *op. cit.*, pp. 157-60. Diverge, porém, de Landeroin, *op. cit.*, p. 457.

entre grupos em expansão pela posse de terras, ou por disputas de família, ou por qualquer acontecimento inesperado que tornasse a vida insuportável em um certo lugar, devem ter sido fenômeno comum durante séculos. Tais movimentos poderiam não só resultar na fundação de novos estabelecimentos ou no crescimento de alguns mais antigos, propiciando-lhes a condição de núcleos potenciais de Estados, mas também contribuir para o desenvolvimento de Estados já fundados. Há razões para acreditar-se, por exemplo, que imigrantes de Turuku se apossaram do poder em Birnin Kufena no século XVI e deram início a uma nova era de desenvolvimento e expansão no Estado de Zazzau. Não sabemos, porém, ainda, as causas de tal migração.

Uma das mais marcantes características das instituições políticas Hauçá é a universalidade do vocabulário político Hauçá. Isto é notável, por exemplo, nos títulos dos funcionários (*masu sarauta*). Nenhum levantamento completo de tais títulos foi ainda realizado. Mas o conhecimento comum indica, de modo claro, a notável graduação com que títulos semelhantes aparecem em muitos Estados independentes à mesma época (56). Esses títulos são, por vezes, palavras sem outro significado geral e demonstra, cada um deles, ser parte de um sistema que se difundiu mais que uma série de sistemas desenvolvidos, independentemente, em diferentes locais. Aqui, novamente, penso termos a evidência da mobilidade e dos contactos entre grupos no antigo País Hauçá (57). Mas esta mobilidade não contribuiu tanto para a expansão de uma cultura estrangeira como para generalizar aquelas novas instituições Hauçás que emergiram das condições de certas áreas da sociedade Hauçá propriamente dita.

As migrações como um veículo para a disseminação do pensamento e prática política dos Hauçás, relacionando-os ao governo de Estados entre as populações “não-Hauçá”, é também um movimento importante na história dos povos de língua Hauçá. As migrações de grupos de língua Hauçá sobre territórios não-Hauçás foram seguidas, algumas vezes, pelo estabelecimento de organizações quase estatais nas quais uma aristocracia Hauçá dominava súditos não-Hauçás. Aqui temos o processo histórico que deu origem à lenda do Banza Bakwai.

(56) Vide os títulos dados em Palmer, *Sudanese Memoirs*, IV, pp. 97-127 (Kano), Hassan & Shua'ib op. cit., pp. 73-77 (Zazzau). Adamu, op. cit., pp. 123-38 (Yawuri), Alkali, op. cit., pp. 97-113 (Kebbi).

(57) Um indício de antiguidade deve possivelmente se enxergar no fato desses títulos terem muitas vezes sido atribuídos a funções diversas em diferentes Estados.

O mais importante, a tal respeito, parece ter sido o movimento da população de Katsina, nos séculos XIV e XV. Diz a tradição que o Birnin Yawuri e o governo Hauçá de Kasan Yawuri (uma área habitada por vários grupos não-Hauçás, tais como os Kambari, os Dakarkari, os Gungawa, etc.) foram fundados por imigrantes Hausawa, sob a direção de líderes de origem Katsina. Da mesma forma, o Birnin Leka e posteriormente, o Birnin Surame e o Estado de Kebbi foram fundados na região do Gulbin Kebbi (habitado por uma mistura de pequenos grupos Hauçás e Songhai). Menos conhecidas e muito menores, mas representando um processo similar, são as "chefias" de Wasugu (entre os Dakarkari e Acinawa), Kumbashi (entre os Kambari orientais e Acinawa), Kotonkoro (entre os Kamuku ocidentais), e o Birnin Gwari entre os Gwari do extremo noroeste. Dizem terem sido todas fundadas por Katsinawa. A partir de Zazzau, foram também efetuadas fundações similares: Kuseriki e Kwangoma (entre os Kamuku), Galadiman Kogo (entre os Gwari) e Mashegu Kamuku), Galadiman Kogo (entre os Gwari) e Mashegu entre os Basa (58). O domínio Hauçá do Zazzau meridional foi, sem dúvida, também parte desse mesmo movimento. Finalmente, dizem que Zamfara foi fundado por emigrantes de Kano que instalaram um acampamento, primeiramente em Dutse, no Zurmi (59). Mas as tradições não esclarecem qual era o povo aborígene daquele território.

Não sabemos exatamente o que inspirou tais migrações. Nem tampouco sabemos como puderam os imigrantes impor-se ao povo nativo. É provável que os imigrantes tivessem a experiência do tipo do Estado como governo em seu próprio país, talvez mesmo alguma prática da organização ao mesmo relacionada. Resta, porém, muito trabalho ainda a ser feito sobre a questão dos motivos desses movimentos e do êxito dos grupos migrantes na formação das instituições políticas.

Pareceria, por essa história geral das migrações, que a criação de Estados no País Hauçá e pelos povos Hauçás dos territórios adjacentes fosse algo que pudesse surgir a qualquer momento, quando as condições da sociedade Hauçá provocassem deslocamentos de populações que viessem transtornar o equilíbrio dos grupos de parentesco, permitindo o seu domínio por outros grupos. Mas nem todos os movimentos migratórios tiveram igual êxito nem obedeceram ao mesmo processo. A minúscula "chefia" do Birnin Gwari não pode ser comparada com o grande Estado de Kano. Embora as migrações talvez hajam fornecido a centelha, a extensão da ex-

(58) Adamu, op. cit., pp. 80-81.

(59) K. Krieger, *Geschichte von Zamfara* (Berlim, 1959), pp. 17-18.

plosão teve de depender das condições da pólvora. Infelizmente sabemos demasiado pouco acerca dessas condições locais que, no seu longo desenvolvimento, devem ter determinado a orientação e o êxito na formação de Estados.

Nossa conclusão provisória a tal respeito é, portanto, a de que as organizações políticas surgiram no País Hauçá como consequência de condições que favoreceram a fundação e o desenvolvimento de estabelecimentos tipo *Birnin*. E é sobre tais condições que se deve dirigir a pesquisa, mais do que à procura do fantasma do invasor estrangeiro, o *héros civilisateur* do Leste, com sua cultura superior. As instituições políticas, assim como outras instituições da cultura humana, surgem e se desenvolvem porque oferecem soluções a problemas que derivam das condições de vida do gênero humano; e sem dúvida isso tem de ser lembrado na Nigéria, na época atual, com todos os seus problemas de desenvolvimento político, e também se aplica ao antigo País Hauçá.

SOME CONSIDERATIONS CONCERNING THE FORMATION OF THE HAUSA STATES

The inference the Author of this study draws is that the political organizations arose among the Hausa people as a consequence of special conditions and not as a result of the action of a "héros civilisateur" from the East.

The political institutions — the Author writes — as well as other institutions of the human culture, appear and develop because they offer solutions to problems that derive from the life conditions of mankind which applies to the Hausa Country.

QUELQUES CONSIDÉRATIONS À L'ÉGARD DE LA FORMATION DES ÉTATS HAUSAS

La conclusion à laquelle l'Auteur de cette étude parvient, c'est que les organisations politiques sont produites parmi les Hausas comme conséquence de conditions spéciales, et pas comme un résultat de l'action d'un héros civilisateur de l'Est.

Les institutions politiques — écrit l'Auteur — arrivent et se développent parce qu'elles offrent des solutions à des problèmes que sont dérivés des conditions de vie du genre humain, ce qui s'applique au Pays Hausa.